

ARTIGO

O *HOLODOMOR* E A MEMÓRIA DA FOME DOS UCRANIANOS (1931-1933): OS RESSENTIMENTOS NA HISTÓRIA

THE *HOLODOMOR* AND THE MEMORY OF THE HUNGER OF THE UKRAINIANS (1931-1933): THE RESENTMENTS IN HISTORY

PAULO AUGUSTO TAMANINI*

RESUMO

Este artigo objetiva abordar os registros mnemônicos acerca do *Holodomor* e suas repercussões no Tempo Presente em uma perspectiva da historiografia da memória, da cultura dos sentimentos e da visualidade. Compreender os sentimentos e a memória dos ucranianos acerca da fome de 1931-1933 de forma associativa, comungante, dependente e intercalada parece ser um método eficiente para abordar como o *Holodomor* ainda é (re)sentido em mais uma de suas nuances. Em um segundo momento, busca-se inventariar os esforços institucionais que tentam buscar o reconhecimento do *Holodomor* como um genocídio.

PALAVRAS-CHAVE: *Holodomor*; Memória; Sentimento e sensibilidades na História

ABSTRACT

This article aims to address the mnemonic records about the *Holodomor* and its repercussions in the Present Time from the perspective of the historiography of memory, of the culture of feelings and of the visuality. Understanding the feelings and memory of Ukrainians about the famine of 1931-1933 in an associative, communal, dependent and intercalated way seems to be an efficient method to treat how the *Holodomor* is felt again in one more of its nuances. In a second moment, the study wants to inventory the institutional efforts that try to seek the recognition of the *Holodomor* as a genocide.

KEYWORDS: *Holodomor*; Memory; Feeling and Sensitivities in History.

A Nova História Cultural ao desenvolver estudos sobre os percursos históricos e historiográficos que fundamentam também a construção teórica da loucura, do medo, do ódio, dos desejos, das paixões, das violências, das emoções mais íntimas, nas suas diferentes modalidades discursivas, no decurso do tempo, aborda também os temas dos sentimentos e das sensibilidades enquanto dimensões da subjetividade que interferem no agir humano. Se a História se faz com documentos¹ será justamente a sensibilidade do historiador a levantar interrogações sobre o teor, legitimidade e a densidade das fontes. Inclusive os da memória! Até porque do ponto de vista da teoria da História, o estabelecimento de novas relações entre o passado e o presente, por meio da emergência dos registros mnemônicos, conota forte dimensão subjetiva. A sensibilidade, portanto, ajuda o pesquisador a explorar os modos como as recordações do *ontem* se articulam na experiência do presente, impregnada não só nas falas, como nos gestos, comportamentos, rituais, tradições, costumes.²

Como a memória torna-se para a Historiografia um objeto e uma fonte para múltiplas apreensões, não só provoca releituras do passado, como também interroga as formas como fatos, episódios, discursos são sentidos. Portanto, narrativas provindas da oralidade, passam por crivos cada vez mais exigentes. Este exame minucioso é ainda mais impertinente quando são perceptíveis nas falas, nos depoimentos os resquícios de tristeza, alegria, rancor, saudades, ódio, esperança etc. Destarte, perceber o sentimento como um dispositivo utilizado para dar *carne e vida* ao passado, é estar atento às estratégias de credenciamento e verossimilhança às vozes daqueles que se dizem testemunhas de um fato. Contudo, como fazer distinções tão marcadas acerca de uma fonte que é essencialmente humana

carregada pelas influências de emoções demasiadamente subjetivas? Ainda assim, a História, ciente disso, não descredencia as fontes provindas da oralidade, mas as cerca, as aborda e as distingue das demais servindo-se de outros crivos para compreendê-las e afiançá-las à fidedignidade de um relato.³

Para a historiografia contemporânea, a oralidade é uma das modalidades mais frequentes de fonte de pesquisa. Colocada sob suspeita e menosprezada por alguns historiadores positivistas que constatavam que as fontes testemunhais estavam eivadas de subjetividade, de falta de imparcialidade, de ausência de isenções e equanimidade foi, só no final do século XX, alçada à credibilidade investigativa, graças à virada epistemológica que caracterizava a Nova História Cultural. Com a reviravolta e revalorização igualmente das fontes cujas bases os registros mnemônicos se pontificavam, constatou-se uma realocação também dos sentimentos, das emoções e dos anseios dos indivíduos e grupos.⁴ Nesta perspectiva, reportar as lembranças e a oralidade delas provinda é destinar ao âmbito da historiografia não só a memória, mas as sensibilidades que fazem emergir os registros do passado mais caros, significativos e expressivos. Portanto, os sentimentos são partes constituintes da História, da oralidade traduzida em relatos, histórias de vida, tradições, narrações, recordações, memória e esquecimentos. Se a História é uma construção discursiva das ações, mentalidades, percepções humanas no decurso de um tempo, não seria quase que uma incorreção que aquilo que mais caracterizam o homem e a mulher, ou seja, os sentimentos, sejam negligenciados quando da feitura de uma narrativa, quando da análise das ações humanas e de suas percepções? Até porque, quando o Historiador

trata da memória e da oralidade, que é uma de suas expressões e fontes de pesquisa, não está estudando somente os registros das experiências dos outros mas, a reboque estuda também tudo o que gravita em torno de si, inclusive as sensibilidades.

Dito isto, interessa nesse artigo, perceber o indivíduo ucraniano em suas reações e emoções quando usam da memória para falar da fome a que o povo ucraniano foi submetido no período de 1931 a 1933, durante o Regime Soviético. Esse episódio ficou conhecido pela palavra *Holodomor*.⁵ Discorrer sobre ele não é somente deparar-se com as ambiguidades que envolvem a pluralidade dos sentimentos na construção de uma trama, mas também é enfrentar como tais fatos foram registrados imgeticamente na memória. Tais considerações inserem-se igualmente, no interior das percepções operadas por Pierre Ansart, que concebe a ideia de pluralidade de sentimentos para a formação do ódio, rancor, vingança em que predominam relações divergentes.⁶ Deste modo, se faz justificada a utilização da palavra ‘sentimentos’, no plural. Além desta conformidade, torna-se importante considerar que a lembrança da dor mexe com feridas, homologa sentimentos de desvalor, credencia arbitrariedades, impingindo aos outros uma ampliação e uma reincidência de sofrimentos. Compreender os sentimentos e a memória dos ucranianos acerca da fome de 1931-1933 de forma associativa, comungante, dependente e intercalada parece ser um método eficiente para abordar como o *Holodomor* ainda é (res)sentido em mais uma de suas nuances.

A memória e o ressentimento na Historiografia

Abordar os sentimentos na Historiografia é acostá-los a uma perspectiva que tenta buscar explicações para além das ações humanas acontecidas em um passado. Aqui, vale ressaltar a pesquisa de Maria Rita Kehl, que em seu livro *Ressentimento* apresenta o resultado decorrente de longas observações sobre a influência do ressentimento no agir humano. Segundo ela, “ressentir-se é sentir de novo; ainda com mais força e densidade”. O processo das lembranças purgadas pelo tempo assemelha-se ao reviver um episódio exponencialmente. Porque ao fato, acresce-se os sentimentos, “frutos de uma análise *a posteriori* em que a imparcialidade psíquica está comprometida”. Pontifica a autora que, “engana-se quem acredita que o tempo apaga as dores”. Pelo contrário, as intensifica e quando explode, o fará com toda carga emotiva, antes embargada.⁷

Portanto, o ressentimento, fruto de sensibilidades testadas ao extremo não é de natureza singular, mas progênita de uma constelação afetiva, própria de uma humanidade plurificada pelas emoções. Pontua Kehl que o “ressentido é um fraco, é aquele que remói uma vingança que nunca será executada por se tratar de um sentimento de agressão imaginária ou real que não foi defrontada”. A autora articula o tema do ressentimento por meio de pontos de vista diferentes e tece uma análise crítica de eventuais ganhos secundários desse relembrar de novo corporificado pelas emoções. Para tanto, busca em Freud fundamentos da psicanálise para compreender o processo de formação e instalação do ressentimento na memória. Associa a expressão freudiana “covardia moral” ao termo empregado por Nietzsche quando comparou o ressentimento a um atributo de uma “moral escrava”.⁸

Essas observações auxiliam os Historiadores a discutir a memória para além de um mero entreposto de registros mnemônicos. Observa-se que a memória não se institui somente repositório de lembranças, mas um rebobinar das experiências já marcadas pelo tempo que são urdidas e contemporaneizadas pela subjetividade e dentro de uma espacialidade.

Percebe-se então que, os registros mnemônicos acerca do *Holodomor* são influenciados pela elasticidade do tempo e pela subjetividade de quem os guardam. Em decorrência, o exercício da rememoração mapeia e certifica, qual uma verruma que gira em torno de si, outras cronologias, outras percepções, outras feições, atribuições, sentidos e emoções. A memória pode então manipular a forma como o passado é sentido no presente e como repercute nas diferentes pessoas.

Ainda que de uma forma ou de outra, o *Holodomor* esteja imbricado às questões da memória, é no presente que ele se atrela e repercute em significados e atribuições. Logo, a memória compreendida como asseguradora de um eventual passado, ultrapassa aquelas modalidades de revisitação teórica ou de uma premente reatualização de conceitos, talhados por Maurice Halbwachs⁹, Le Goff¹⁰ e Nora¹¹. Esses teóricos olham para a memória como aquela que se elabora em um exercício racionalizante e voluntário de reconstrução do passado. Contudo, a memória não é apenas isso. Porque a reflexão de um passado se faz dada em um presente, reelabora os registros capazes de reconstruir narrativas pelas emoções e sentimentos aos quais o pesquisador e o historiador devem também estar atentos.

A memória coletiva, segundo Halbwachs, não só repete, mas recompõe e reedita o passado, conforme as circunstâncias e conjunturas. Se

a memória coletiva é uma reconstrução de algo já vivido e experimentado por um determinado grupo ou sociedade, dentro de marcos temporais, ela, por causa dos mesmos condicionantes pode ser contaminada pelas emoções e sentimentos.¹² Por certo, as recordações dos ucranianos e descendentes sobre o *Holodomor* são reeditadas e remanejadas pelas circunstâncias do tempo e o espaço em que são demandadas.

A este respeito, Aleida Assmann destaca em seu livro *Espaços de recordação* a preocupação de considerar a memória quanto a História como formas de recordação, captadas em seus espaços. O eixo de sua argumentação consiste em demonstrar que não há uma essência da memória. Não apenas os indivíduos lembram-se das coisas, como também grupos e as mais diversas coletividades. Ou seja, os modos de recordar são definidos culturalmente pelos grupos, pelas coletividades, pelas massas que se identificam e que variam ao longo do tempo e segundo a formação cultural.¹³

Nesta perspectiva, Pierre Nora apresenta sua categoria de *Lugares de Memória* como resposta a essa necessidade de identificação do indivíduo membro de coletividade. Nos grupos regionais, nos grupos sexuais, étnicos, comportamentais, de gerações, de gêneros, entre outros, se procura ter acesso a uma memória viva e presente no dia-a-dia. Nora conceitua os *Lugares de Memória* como, antes de tudo, um misto de história e memória, momentos híbridos, pois em um evento considerado trágico não há como se ter somente memória, mas uma constante necessidade de identificar uma origem, os motivos, os pretextos, as causas.¹⁴ Nesta perspectiva, a fome de 1931-1933 portanto, é reatualizada e identificada como tributária de uma memória que teve uma gênese, mas que não se pode prever seu fim.

Mais que deixar publicizar a memória da fome, os ucranianos reivindicam que ela não caia no esquecimento. O ato de memória reveste-se assim de uma intencionalidade que transcende a perspectiva de somente relatar o passado, mas de constantemente reconstruí-lo, propondo-se a revivê-lo em um mito de orgulho e ressentimento. Uma memória somente ressentida reedificará um homem ressentido, vitimizado, prisioneiro das ações do ontem, um indivíduo de esperanças mortas. Uma memória orgulhosa reconstruirá um passado salientando que, apesar das mortes, dos sofrimentos, houve os sobreviventes, os heróis de quem se possam enaltecer e exemplarmente lembrar.¹⁵

A memória dos conflitos, das guerras, dos desentendimentos, por exemplo, não faz obliterar também dos sentimentos de vinganças. As vinganças, os desejos de revide, as ânsias por replicar uma violência ou humilhação sofrida são resultantes de uma ressignificação de atos que a memória faz ressurgir, alimentando-a não com a seiva do orgulho, mas com a seiva da espera, da conveniência, do oportunismo.¹⁶

Seguindo esse rastro, toda rememoração, também a memória do *Holodomor* ganha efeito discursivo, eco político, forma ideológica, vida e imaginação tendenciosas, para além dos marcos do passado. Se lembrar é atualizar, dar novos fôlegos àquilo que em um determinado tempo foi ou constituiu-se importante, os ucranianos e descendentes quando utilizam-se do *Holodomor* para reivindicar o reconhecimento internacional como vítimas de um genocídio, acordam da letargia os registros que foram *aquietados* por outras emergências e que vêm à tona por outras demandas. Isto porque à época da chegada de grupos migrados para São Paulo, Santa Catarina, Rio

Grande do Sul e Paraná, o *Holodomor*, sequer, naquele momento, era ventilado. Outras urgências se impostavam como prioritárias.

Neste caso, a memória à mercê de um processo de escolha ou seletividade, servia para tirar do silêncio obsequioso uma realidade que muitos julgavam ainda não ser oportuno relembrar. Como lembra Pollak, o silêncio sobre um passado, longe de conduzir ao esquecimento, por vezes, configura-se resistência e compasso de espera. O interesse de Pollak acerca das significações do silêncio são de grande valia para se entender como a fome de 1931-1933 repercutiu no Ocidente. O autor compreende o silêncio não como esquecimento, mas como estratégia de sobrevivência, meios de preservação de uma memória psíquica ainda não traumatizada. Para Pollak, o silêncio sobre o passado está ligado em primeiro lugar à necessidade de encontrar um *modus vivendi* com aqueles que assistiram desgraças. Em face às lembranças traumatizantes, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essas mesmas lembranças, preferem, elas também, guardar silêncio. O silêncio a que Pollak faz alusão é moldado, portanto, pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expôr a mal-entendidos. Desta forma, Pollak marca a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável. Se a lembrança atende a necessidades psíquicas, se o reconhecimento/escuta é a mola-mestra que permite o trabalho da memória, resta ao historiador distinguir as conjunturas favoráveis ou desfavoráveis à emergência das memórias subterrâneas, descobrindo, assim, de que forma o presente colore o passado.¹⁷

Por outro lado, o silêncio e a omissão podem ser analisados e comparados como sendo manifestação da indiferença e da insensibilidade. Se para os ucranianos, no momento de chegada aos portos brasileiros, o lembrar da fome não era sequer aventado, uma vez passado as vicissitudes da chegada e estabelecimento, soava para além da apatia, para além de qualquer impassibilidade. Se antes, configurava-se uma forma de precaução arbitrária, atualmente, conformam certa invisibilidade, preterição e indiferenças chanceladas e cúmplicas por todos os que não reconhecem o *Holodomor* como uma extrema violência.

Como pontua Maurice Halbwachs, a memória não sobrevive só acumulando dados; ela seleciona, esconde, pulveriza, encoberta, enaltece uns e abandona outros, regida pelos fatos do presente. Afinal, a memória é um cabedal infinito do qual se registram apenas fragmentos.¹⁸ Destarte, os ucranianos ao selecionarem dados, definiam subsídios capazes de construir teores narrativos focados em interesses subjetivos estabelecendo, qualificando e emprestando legitimidade a um passado que seria, posteriormente, amplamente compartilhado e divulgado pelos empréstimos ou apropriações de reminiscências. Partindo da premissa que os ressentimentos e a memória não se alimentam somente do passado, o propósito válido para os historiadores será sempre discutir os seus significados em seu tempo, verificando suas formas de expressão e seus efeitos nos processos de configuração da memória.

Nietzsche em *Genealogia da Moral*, considera o tema como manifestação dos fracos, das maiorias despossuídas, dos oprimidos, das vítimas, ou seja, como expressão da moralidade dos que sofrem frente a moralidade dos que fazem sofrer.¹⁹ Visto desde uma perspectiva das

comunidades ucranianas, o efeito agregado do ressentimento explicaria as inquietações, vinganças, ranços, separações políticas, geográficas e religiosas pelos quais a Ucrânia tem passado, também nessas últimas décadas, por exemplo.

Hannah Arendt compreende o ressentimento como ausência de perdão que ameaça as condições políticas que permitem a coexistência humana. Para ela, o perdão é o que garante a longevidade da vida em comunidade. Onde não existe sintonia e perdão recíprocos, preceitua a autora, não haverá comungação de valores ou o reconhecimento desses.²⁰ Nessa perspectiva, o desmonte e a superação da dor e das marcas psicológicas da tragédia da fome de 1931-1933, na Ucrânia, só serão possíveis quando as comunidades ucranianas, herdeiras desse patrimônio mnemônico, souberem se desfazer dos laços de um passado traumatizante e ressentido, ressignificado somente pela dor. O ressentimento aqui é um *re-sentir* necessário e deliberado do qual os atingidos pelo infortúnio não podem escapar; assim pensado é quase como um protesto moral contra o esquecimento. O significado moral do ressentimento entre os ucranianos, portanto, se institui um marcador de resistência das próprias vítimas ou dos próprios familiares das vítimas.

Outro estudioso do ressentimento foi Norbert Elias. Para ele, os limites ou marcadores de resistências são tributários do ressentimento nascidos da relação da vida coletiva entre estabelecidos e os *outsiders*, porque ameaça certa normalidade da vida social. Elias faz pensar no socialmente desprezado e estigmatizado, naquele que se sente inferior.²¹ Logo, o ressentimento pode ser percebido também como um fenômeno social e que, no olhar de Marc Ferro, pode até ameaçar certa ordem social.²²

Elias destaca que alguns povos são mais predispostos que outros ao ressentimento. Comenta que uma sociedade que passa por um extremo a outro muito rapidamente, onde os indivíduos oscilam entre humilhações e grandezas exageradas, vivendo à sombra de um passado glorioso, está exposta ao surgimento de um forte e estendido ressentimento. Segundo o autor, o processo de ressentimento se desenvolve a partir de uma frustração que pode expressar-se tanto em relação aos superiores, como aos supostamente inferiores, mas exigindo em todos os casos, a diminuição ou aplastamento do valor do indivíduo.²³

No dizer de Deleuze, “o ressentimento registra um tempo penoso que não pode ser superado nem esquecido”²⁴, uma vez que o que caracteriza o homem do ressentimento é a invasão da consciência por traços mnemônicos, a subida da própria memória para a consciência capaz de reconstruir registros do passado segundo à sua medida. Logo, o homem do ressentimento é um ruminante da memória, repercute em ações igualmente ressentidas. E, como aponta Bergson, o homem busca no passado a inteligibilidade das coisas e no presente a forma de agir sobre elas.²⁵

Holodomor: a memória da fome e as sensibilidades na História

Como sentencia Aleida Assmann, as imagens estão vinculadas, como a escrita, à memória. Da mesma forma em que Platão se expressou sobre o nexa entre memória e escrita, a arte mnemônica à época do Império Romano no Ocidente e Oriente reforçou o nexa entre memória e imagem.²⁶ As emoções, as sensibilidades e a visão atizam e fazem apoio às recordações, tanto em seus resguardos como em suas erupções. As imagens não dizem

somente sobre o imediato de uma cena. Elas são constituídas pelas lógicas dos arquétipos, dos símbolos, dos códigos. Por isso, toda imagem é esfinge das realidades que comunicam a pluriforme ideologia das palavras não ditas.

Imagem e texto se adaptam de modos distintos à paisagem da memória. Se o texto informa pretensamente logrando objetividades, a imagem, por sua vez, anuncia a possibilidade de devaneios e de interpretações subjetivadas e influenciadas por tantos fatores. O cristianismo Ocidental e Oriental soube fazer uso das expressões iconográficas para anunciar seus dogmas, verdades e tradição. Em uma época em que a decifração das letras era para uma classe restrita, as imagens estendiam seus saberes para os iletrados. O poder do fascínio e o encantamento dado pelas figuras operavam nos sujeitos uma inclinação à aprendizagem das coisas sagradas.

A atual historiografia compreende a imagem como portadora de significados partilhados, como um documento, cujas propriedades técnicas, estilísticas e simbólicas remetem a um modo de percepção que moldam as narrativas.²⁷ Nessa perspectiva, pensar a relação entre História e Imagem é pensar também sobre a intertextualidade e sobre representações e releituras de uma realidade codificada pelos formatos, cores e nuances da estética. Disso decorre que, ao analisar os materiais imagéticos, os historiadores se sintam compromissados em detectar as convenções que permitem adentrar no universo dos símbolos, dos sinais, das mensagens e das alegorias que se *presentificaram* em um determinado tempo.

Dessa forma, o passado pode ser melhor compreendido ou desvendado em algumas de suas nuances, compreendido em aspectos singulares e relidos dentro de um panorama multidisciplinar. As imagens

monumentos também são fontes das quais a História se serve para elaborar seus enredos. Não se restringem apenas a informar, anunciar, dizer a partir de um só campo interpretativo racional; brotadas da intenção, remetem ao intencional, ao subjetivo, ou seja, àquilo que faz parte da essência humana. As formas, as cores, os vocábulos fantasiados de tinta das obras de arte, dos monumentos, das esculturas e pinturas escrevem o formalismo de uma mensagem, inspiram relatos, provocam narrativas, emitem signos estéreis de deduções apenas circunstanciais.

O campo de investigação das imagens na História observa que a figura, não é apenas uma expressão formal da criação humana, mas uma forma de linguagem do humano que tenta se relacionar com o outro, através de suportes que anunciam uma forma de beleza. Afinal, como certificou Paul Evdokmov, por trás do belo está a possibilidade do divino.²⁸

A região sul do Brasil recebeu grande número de imigrantes, desde o início da República até o final das duas grandes guerras. Entre tantos grupos estavam também os ucranianos, vindos do leste europeu, Estados Unidos, Canadá e Argentina. No Brasil, chegaram pelos portos do Rio de Janeiro e de Santos. Muitas famílias tiveram como primeiro ofício, o trabalho braçal nas fazendas de café paulistanas, de onde migraram, posteriormente, para os três estados do sul brasileiro. No Sul, o interior do Paraná foi a região escolhida para o estabelecimento da maioria das levas ucranianas, que aos poucos se trasladava para a capital à procura de um trabalho mais rendoso e da possibilidade de estudos para os filhos descendentes. Em Curitiba, os bairros Bigorriho e Água Verde são as cercanias onde as comunidades ucranianas se plantaram. Se o lugar é observado em muitos dos campos de investigação como aquela esfera

dentro da qual as pessoas existem, vivem e se socializam, os bairros supracitados são referências espaciais também da memória coletiva dos ucranianos. Neles, o cotidiano se faz em uma cumplicidade entre o já vivido e as demandas do tempo presente que precisam ser atendidas. O dia a dia da maioria das famílias ucranianas então, ainda é norteado pelo passado ou pelas imagens de um passado que a memória deixa dele ressuscitar.²⁹

Lembranças que remetem às imagens das guerras, dos conflitos, das fugas, da fome, do desespero e do medo. Como fantasmas a assombrar o presente, essas imagens de intimidação auxiliam a compreender o ucraniano e suas relações com o *Holodomor*, nos tempos atuais.

Jean Delemeau perfilando uma geração de pesquisadores que pretendia renovar alguns domínios da Historiografia, a partir de novas problemáticas e de novas metodologias, tematizou, incorporando aos seus estudos fontes da literatura, filosofia e imagens, um objeto geralmente reservado ao campo de estudos da antropologia: o medo. O autor, nessa obra, demonstrava que para trabalhar com temáticas ainda pouco reconhecidas entre os historiadores era necessário forjar novas metodologias de pesquisa e procurar outros lugares de falas, fugir da tradicional documentação oficial, e esfuracar ambientes antes desabitados pelos historiadores. Essa nova abordagem exigia uma inovação metodológica, além de incorporação de novos sistemas de referências, colocando o medo como parte integrante da natureza humana, por isso, credenciado tal sentimento como parte integrante da historicidade, situado em determinado tempo circunstâncias.³⁰

Outro pesquisador que trouxe ao centro investigativo, os conflitos, a ira, a vingança foi Peter Gay que em um aprofundado estudo

interdisciplinar acerca da classe burguesa, buscou relacionar a História à Psicanálise, aproximando conceitos freudianos da sexualidade à hermenêutica das pesquisas que envolviam a experiência humana.³¹ No Brasil destaca-se ainda a historiadora Mary Del Priori que em suas inúmeras obras, se debruçou sobre o sentimento do amor em suas variantes, em suas transgressões, em suas normalidades, em seus desvios, em suas estratégias, o que fez enriquecer a evidência das emoções e as sensibilidades na lide do ofício do historiador.³²

Leandro Karnal traz à luz, os sentimentos da inveja e do ódio que fomentam a detração, a calúnia e as ações responsivas derivadas destes. Segundo esse historiador, a história humana, na ótica judaico-cristã, inicia expondo os sentimentos e o seu fracasso diante das tentações fomentadas pelas sensibilidades, como registra as primeiras páginas do Gêneses: o engano, o sortilégio, a tristeza, o ciúme, a raiva que leva ao fratricídio de Caim e Abel. São os sentimentos demasiadamente humanos que levam às ações demasiadamente explicáveis e que reverberam em acontecimentos, estudados pela História.³³ O sentimento de culpa e a detração também são abordados e investigados como relação entre o desejo de melhora e a frustração de não sê-lo dentro de um panorama sociocultural que agride quem erra e enaltece os aparentemente perfeitos. Dentro dessa aparência, as sensibilidades afloradas e que se fazem repercutir no cotidiano, as experiências tão intrinsecamente humanas do desvio da norma e do restabelecimento da confiança, são analisadas também pelos olhos do historiador.³⁴

Os historiadores das sensibilidades chancelam que é a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias,

temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. A este respeito Sandra Pesavento pontua que os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos.³⁵ Até porque, o historiador das sensibilidades toma como ponto de partida a maneira como as pessoas se representam, em distintos momentos históricos, cabendo-lhe interpretar a coerência, as conexões dessas representações em seu universo. Possivelmente não há história sem sensibilidade, não há historiador que não seja cercado e demarcado por uma multiplicidade de afetos, que ao mesmo tempo estampa este sujeito com suas marcas e o ajuda a perceber o mundo e a entendê-lo. A história não se faz sem percepções, sem significados e sentidos dados e recebidos do e para o mundo.³⁶

É dentro deste quadro de autores, pesquisadores e historiadores das sensibilidades que o tema do *Holodomor* é aqui abordado, sendo imbricado aos temas da memória e da imagem. As lembranças da fome e os relatos que surgiram sobre este episódio e que vem sendo retransmitidos, repassados, recompostos para as novas gerações constituem-se material e fonte para inúmeras pesquisas não só no Leste Europeu, como em Portugal, Estados Unidos e Brasil.³⁷

Timothy Snyder, historiador americano, estima de 14 milhões de ucranianos foram vítimas do *Holomor*. Tal cifra instiga muitos pesquisadores a associar o *Holodomor* a outros assassinatos em massa, como a agressão mortal germano-soviética às classes cultas polonesas entre 1939 e 1941; ou aos três milhões de prisioneiros soviéticos que foram entregues à morte por fome pelos alemães; ou às centenas de milhares de civis mortos nas

represálias nazistas e, enfim, ao Holocausto. Não se pode compreender completamente as causas desses eventos se não estiverem reciprocamente conectados. Para o autor, o extermínio é uma ação arquitetada por interesses coletivos e que merecem ser investigados. Mais que comparar os regimes totalitários de Stalin e Hitler, aos historiadores europeus e americanos acerca do *Holodomor* interessa abordar as geografias das vítimas, suas singularidades, o olhar sobre as vidas humanas, ou seja, redimensionar a percepção para a individualidade das emoções e que repercute no presente.³⁸

Ao referenciar e dar importância à individualidade no quadro de catástrofes onde massas não alvejadas, o autor chama a atenção para o estudo do subjetivo, das sensibilidades, das emoções e dos sentimentos relacionadas ao indivíduo. Essa abordagem mostra a emergência de trazer ao palco das discussões os atributos do humano e fazer dele um recurso para compreensão do desenvolvimento histórico de homens e mulheres no decurso do tempo.

Repercussão do *Holodomor* na Europa e no Brasil

Na Ucrânia, após a independência nacional de 1991, foi instituído, em 26 de novembro de 1998, o “Dia da Memória das Vítimas da Fome e das Repressões Políticas”, a ser celebrado no quarto sábado do mês de novembro. Mais de uma década depois, o Parlamento ucraniano, através da Declaração de 15 de maio de 2003 e da Resolução de 28 de novembro de 2006, formalmente especificou o *Holodomor* como um ato de genocídio. Na esteira do reconhecimento ucraniano do *Holodomor* como um genocídio,

fizeram o mesmo outras câmaras legislativas: o Conselho Nacional da Eslováquia (12 de Dezembro de 2007); o Congresso dos Deputados da Espanha (30 de Maio de 2007); a Assembleia Estatal da Estónia (20 de outubro de 1993); a Assembleia Nacional da Hungria (24 de Novembro de 2003); o Parlamento da Letónia (13 de Março de 2008); o Parlamento da Lituânia (24 de novembro de 2005); o Senado (16 de Março de 2006) e a Câmara Baixa do Parlamento da Polónia (6 de Dezembro de 2006); e a Câmara dos Deputados da República Checa (30 de novembro de 2007). Merece também destaque a cerimônia comemorativa do 70.º aniversário da *Grande Fome na Ucrânia*, promovida pelo Senado da Bélgica (3 de abril de 2003), bem como a resolução da Comissão dos Negócios Estrangeiros e Comunitários da Câmara dos Deputados de Itália (22 de março de 2004).

A condenação por crime de genocídio foi igualmente expressa pelos seguintes parlamentos nacionais: o Senado (17 de setembro de 2003 e 7 de novembro de 2007) e a Câmara dos Deputados da Argentina (26 de dezembro de 2007); o Senado (28 de outubro de 1993 e 30 de outubro de 2003) e a Câmara dos Representantes da Austrália (22 de Fevereiro de 2008); o Senado (19 de Junho de 2003) e a Câmara dos Comuns do Canadá (27 de maio de 2008); a Câmara dos Deputados do Chile (13 de Novembro de 2007); a Câmara dos Representantes da Colômbia (10 de dezembro de 2007); o Congresso Nacional do Equador (30 de Outubro de 2007); a Câmara dos Representantes e o Senado dos Estados Unidos da América (17 de Novembro de 1983; 20 de Outubro de 1990; 10 de Setembro de 1993; 12 de outubro de 1993; 10 de Outubro de 1998; 21 de Outubro de 1998; 20 de Outubro de 2003; 29 de setembro de 2006 e 23 de setembro de 2008); o Parlamento da Geórgia (20 de Dezembro de 2005); a Câmara dos

Deputados (19 de Fevereiro de 2008) e o Senado do México (11 de Novembro de 2008); o Senado do Paraguai (25 de Outubro de 2007); o Congresso da República do Peru (20 de Junho de 2007). Merecem destaques também os relatórios da Comissão dos Direitos Humanos e das Minorias Nacionais (2 de Dezembro de 2008) e da Comissão dos Veteranos de Guerra do Parlamento da Croácia (4 de Fevereiro de 2009); a resolução do Parlamento de Andorra (26 de Novembro de 2009); e a resolução da Duma Estatal da Federação Russa (Câmara Baixa), aprovada em 2 de Abril de 2008, na qual se condena o regime estalinista pelo desprezo pelas vidas humanas na concretização dos objetivos econômicos e políticos bem como quaisquer tentativas de ressurgimento de regimes totalitários que desrespeitem os direitos e as vidas dos cidadãos nos estados da antiga União Soviética.

Diversas organizações internacionais e regionais expressaram o seu juízo, através das seguintes iniciativas: a) “Declaração conjunta sobre o septuagésimo aniversário da Grande Fome de 1931-1933 na Ucrânia - *Holodomor*” de 7 de Novembro de 2003, subscrita, no âmbito da 58.^a Sessão Plenária da Assembleia-Geral da Organização das Nações Unidas, por 65 estados-membros; b) Resolução “Necessidade de uma condenação internacional dos crimes dos regimes totalitários comunistas” incluindo o *Holodomor*, no âmbito da 5.^a Sessão da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, em 25 de Janeiro de 2006; c) Resolução “Homenagem às Vítimas da Grande Fome - *Holodomor* na Ucrânia” de 1 de Novembro de 2007, subscrita, no âmbito da 34.^a Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO); d) Declaração “Em Homenagem às Vítimas do Genocídio e das Repressões

Políticas Cometidas na Ucrânia em 1932 e 1933” da Assembleia Báltica, em 24 de Novembro de 2007; e) Declaração Conjunta “No 75.º Aniversário do *Holodomor* de 1932-1933 na Ucrânia” de 30 de Novembro de 2007, subscrita, no âmbito da 15.ª Reunião do Conselho de Ministros da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), por 33 estados-membros; f) “Resolução sobre o *Holodomor* de 1932-1933 na Ucrânia” no âmbito da 17.ª Sessão Anual da Assembleia Parlamentar da OSCE, em 3 de Julho de 2008; g) “Resolução do Parlamento Europeu sobre a evocação da *Holodomor*, a fome programada na Ucrânia (1932 -1933)”, no âmbito da Sessão Plenária do Parlamento Europeu, em 23 de Outubro de 2008; h) “Declaração por ocasião do septuagésimo quinto aniversário da Grande Fome de 1932-1933 na Ucrânia *Holodomor*” de 16 de Dezembro de 2008, no âmbito da 63.ª Sessão Plenária da Assembleia-Geral da Organização das Nações Unidas; i) Resolução do Parlamento Europeu “Consciência Europeia e o Totalitarismo” de 2 de Abril de 2009, na qual se evoca o *Holodomor*; j) merece também ser referida a aprovação, pelo Parlamento Europeu, de uma declaração sobre o “Dia Europeu da Memória das Vítimas do Estalinismo e do Nazismo”, em 22 de Setembro de 2008.³⁹

No Brasil, as moções da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados do Brasil (19 de setembro de 2007) e da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados do Brasil (16 de setembro de 2009) impetradas pelo deputado paranaense Angelo Vanhoni (REQ 124/2007 CDHM). A nível regional, em Curitiba, a Câmara dos Vereadores da capital do Paraná, acolheu a proposição do Vereador

André Passos, em 11 de junho de 2008 (Prop. 59.00007.2008) reconhecendo e condenando o *Holodomor*.

A textualidade e as composições de memória, contudo, ganham novos aliados na tentativa de proteger o *Holodomor* dos porões do esquecimento. São ressuscitadas não só por narrativas daqueles que ouviram falar, mas por imagens fotográficas, pinturas, filmes, bustos, memorial que auxiliam a recompor a tragédia que assolou o passado dos ucranianos, mais que ainda rodopia no presente qual um fantasma a assombrar as gerações que ainda se sentem ligadas à etnia.



Figura 1: Monumento do *Holodomor*, Curitiba, 2016. Acervo do Autor.

Em Curitiba-PR, o Memorial do *Holodomor*, réplica do monumento que se encontra na cidade ucraniana de Kyiv, foi esculpido em pedras de *Projeto História, São Paulo, v. 64, pp. 154-184, Jan.-Abr., 2019.*

granito da Serra do Mar e, sua parte interna, em granito polido negro, medindo 1,80m por 1,40m. Sua instalação ficou a cargo do escultor paranaense Elvo Benito Damo. A obra foi financiada pelos Cônsules Mariano Chaikowski, Jorge Rybka e Jose Barouki, com participação do Governo da Ucrânia. A Secretaria de Cultura e o Departamento de Parques e Praças da Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Curitiba contribuíram com o transporte das pedras e instalação do monumento. A cerimônia de inauguração, aconteceu no dia 11 de dezembro de 2009, com a presença dos bispos ucranianos Dom Jeremias Ferens, Arcebispo Ortodoxo e Dom Efraim Krevey, Bispo Emérito da Igreja Greco-católica, Ministro da Cultura da Ucrânia, Vasyl Vovkun, deputados, vereadores, e outras autoridades civis e religiosas. A peça talhada em um bloco de mármore branco quadripartida compõe um conjunto que emoldura uma cruz vazada e que alberga a imagem em granito negro de uma mãe abrigando e protegendo uma criança. A cruz estilizada nos moldes da cultura bizantina faz recordar o pertencimento religioso de vertente cristã ortodoxa dos países eslavos. A imagem da mulher também insinua a figura de Nossa Senhora, a *Theotokos* que tem lugar cativo nas orações, rito e devoções do povo ucraniano. Muitos acreditam que a tragédia do *Holodomor* só não foi maior, por causa da proteção de Nossa Senhora. A imagem vazada de uma criança na altura do ventre da mulher, recorda os filhos que não chegaram a sobreviver por conta do *Holodomor*.

O Memorial faz perceber que a falta de comida, a morte por inanição, a violência dos conflitos, a lembrança dos que se sentem testemunhas do *Holodomor*, não só repercutiram em inúmeros países, ou nas instituições de governo, mas também no imaginário religioso e da prática

do cotidiano das famílias ucranianas que moram em Curitiba. O hábito de se misturar ícones dos santos de devoção junto às louças para se proteger da eventual falta de comida, evidencia que a memória intervém na maneira como se vive o presente. O costume de se pôr nas prateleiras de louças um ícone para afastar o mau agouro da fome, parece estar revestido com uma roupagem do ontem e forte carga emotiva que era referendada pelo tempo que teima em existir. Ainda que o lugar dos ícones não fosse as prateleiras onde se assentavam as louças de cozinha, o fato de lá permanecerem sob a égide de algo sagrado, extrapolava o aspecto exótico, para ser compreendido em suas razões. Fundamentada na ideia de que é preciso proteger-se do perigo da fome, o hábito de colocar ícones junto às louças difundiu uma crença popular com roupagem e valor étnico e devocional, já que, ao se falar da falta de alimento dos períodos de Guerra e do tempo de diáspora, queria-se enaltecer o acento religioso da comunidade e as táticas de sobrevivência da memória.⁴⁰ Centrar a atenção nas táticas, reconhecer a astúcia, a criatividade e a diversidade de práticas cotidianas dos sujeitos é identificar o potencial de preservação da memória. Nisso evidencia-se uma ação tática. Nesse olhar sobre as ações insurrectas dos sujeitos em contextos de violência prolongada remanescem as expressões das memórias subterrâneas.

Logo, o costume de aspecto sacral gestado com vistas a obter proteção contra a fome e sua relação com as famílias da comunidade ucraniana perpetuava-se graças a um esforço de cunho político que se alicerçava na recriação de aspectos da memória, de traços de dificuldades emblemáticas da etnia, capazes de atuar como sinais externos de reconhecimento. Parece que era pela rememoração de um passado cheio de

carências que esse costume devocional se impunha; assim, a cultura material e seus aspectos ideológicos sobre a fome, ao serem ressignificados, passavam a deter um valor sociorreligioso importante no compósito identitário da etnia ucraniana.

Considerações finais

Com a proliferação em demasia das imagens através dos meios de comunicação interativos, com a crescente popularização delas nas redes sociais, com a pulsão de se estar constantemente conectados à internet compartilhando, publicizando, replicando e potencializando fotos e informações *narcísicas* sobre si e sobre os outros, as formas e maneiras de perceber e exarar as imagens, tornam-se para a Historiografia não só uma urgência como um imperativo, o que implica adoções de métodos concernentes a sua área de conhecimento. Tal imprescindibilidade é justificada porque as imagens também são consideradas fontes plausíveis e que estão firmando-se como parte dos processos capazes de detectar subjetividades, visão de mundos, sensibilidades e emoções.

Isto posto, a imagem como modalidade de linguagem mnemônica e expressão de narrativa que usa do simbólico para se expressar oferece alguns elementos para um pensar teórico acerca da práxis em que a visualidade encontra um salvo-conduto explicativo. Se por vezes, as ilustrações têm a função de realçar o escriturístico, podem outrossim, revelar material precioso de investigação que a História não pode arvorar-se de rogada. Até porque, nem sempre a imagem serve somente para corroborar com a descrição verbal de um fato. Ela em si é também uma

narrativa! A plasticidade, a forma, as cores que formatam uma imagem são elementos de uma representação plenipotenciária de um real ou da ideia de um real longe de qualquer distopia.

As novas metodologias e novos aportes teóricos transformaram a História em exegeta das fontes iconográficas, das figuras, das ilustrações. A historiografia, agora também ocupada e atenta às finalidades do uso das imagens, não enxerga mais as ilustrações como instrumentos de deleite, mas pelo contrário, faz a partir delas algumas intervenções, retirando das sombras do deslumbre a objetividade das quais a História diz-se depositária.

Em parceria montada pela urgência que se impõe pelo entendimento da História como uma área de saber comungante, a pesquisa aqui apresentada compendiou um esforço plural, um empreendimento associativo e de convivência com teóricos que percebem a Imagem como um tipo de modalidade da linguagem, transmissora de conhecimentos e que se pontifica no cotidiano e nas espacialidades em que o ser humano interage e socializa, no decurso do tempo. Amalgamados pela historiografia que conceitua e problematiza a Imagem para além de mera ilustração, o *Holodomor*, outra vez, perfilha-se em novos suspiros e em um sinergismo para se fazer problematizar. Em uma perspectiva historiográfica, buscou-se analisar então a incrustação das imagens do *Holodomor* que ainda povoam na memória de muitas famílias ucranianas e a tentativa de dar ao fato mais que um registro de jornal ou de livro de História, mas dispositivo para se pensar como o ser humano ainda permanece longe de ser dissecado do todo de suas particularidades.

Este artigo pautou-se nos espaços em que são alinhavadas a cultura dos sentimentos e da memória: lugares físicos e os lugares que não são

captados pelos olhos, mas pelas sensibilidades. Logo, o primeiro desafio foi elucidar a memória em seus espaços; espaços estes entendidos não somente como lugares das itinerâncias, das fugas, dos pontos de chegada e partida. Privilegiou-se um outro espaço, que, por consequência, abriu um leque de possibilidades de abordagens, com recorte de objetos variados, proporcionando refletir sobre a complexidade que envolve as sensibilidades humanas em seus espaços. Dessa forma, interpretar essas sensibilidades implicou a adoção de métodos que puderam decifrar os códigos de linguagem que propagaram e suscitaram os detalhes de um passado, logrando compreender o uso e a repercussão de suas ressignificações na memória.

Na Curitiba que albergam tantos rostos e vidas, em que os ucranianos e seus descendentes ainda vivem e se socializam, é possível flagrar os descaminhos ou trajetos nem sempre lineares das relações entre pessoas e cenários e descobrir conexões possíveis entre seus sentimentos. Curitiba é para além de porção geográfica localizada, a materialização dos espaços onde se inventam, assumem e glorificam as subjetividades, as memórias e os sentimentos, justificados por um arraigado sentimento de atribuição e que sustentam as certezas de se dizer quem se é ou de onde se vem.⁴¹

Logo, quando se atribui os espaços das sensibilidades, subentende-se um local animado por um deslocamento, um cruzamento de móveis, um lugar praticado onde se notabilizam e incrementam os marcos e as referências compartilhadas ou a falta delas. Se estão no cotidiano a chave e a capacidade de se exercer as escolhas, de manipular e arquitetar ações, é nele também que se materializam os espaços do ressentimento, da

ufandade, do remorso, do orgulho e das esperanças. Assim, ao se debruçar sobre o tema dos sentimentos na História, não importa saber apenas como as coisas se sucederam, mas como foram sentidas para melhor compreender o que delas se falam e qual grau de importância que lhes é atribuído nas narrativas e pesquisas de cunho historiográfico, no presente.

Notas

*Doutor em História Cultural (UFSC) com estágio Pós-Doutoral em História (UFPR/CAPES). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Coordenador do Grupo de Pesquisa Imagens e Ensino: percepções, métodos e fontes (UFERSA/CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6963-2952>

¹ RANKE, L. v. O Conceito de História Universal. In: MARTINS, E. R. (org.) **A História Pensada**. Teoria e Método na Historiografia Europeia do Século XIX. São Paulo: Contexto, 2010.

² KHOURY, Y. A. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, D. R. et. al. (orgs). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d' Água, 2004. p. 133.

³ Ver: FERREIRA, M. de M. História Oral: um inventário das diferenças. In: (org). **EntreVistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998; SARLO, B. **Tempo passado**: a cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007; THOMPSON, P. **A Voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992; ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

⁴ RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007. p. 231.

⁵ *Holodomor* ou a *Grande Fome da Ucrânia* é o nome atribuído à fome de caráter genocidário, em que cerca de 10 milhões de ucranianos foram dizimados através da utilização da fome como instrumento para punir os camponeses reticentes à coletivização agrícola e para esmagar o nacionalismo ucraniano, visto como um obstáculo ao projeto de construção de um Estado soviético centralizado e ditatorial. O termo *Holodomor* é aplicado especificamente aos fatos ocorridos nos territórios com população de etnia ucraniana: a Ucrânia e a região de Kuban, no

Cáucaso do Norte. CIESZYŃSKA, B.; FRANCO, J. E. **Holodomor**. A desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933). Coimbra: Grácio Editor, 2013, p. 171.

⁶ ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. R. (org.). **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 15-36.

⁷ KEHL, M. R. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014. pp. 143-146.

⁸ *Ibid.*, pp. 68-78.

⁹ HALBWACHS, M. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

¹⁰ LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas/SP, Editora UNICAMP, 1990.

¹¹ NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. Revista do Programa de Pós-graduação em História da PUC, São Paulo: PUC-SP. Nº 10, p. 12. 1993.

¹² HALBWACHS, M. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p. 43.

¹³ ASSMANN, A. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas- SP: Editora Unicamp, 2011.

¹⁴ NORRA, Pierre. Memória e História. A problemática dos lugares. In: **Projeto História** – Revista do Programa de Pós-graduação em História da PUC – SP. São Paulo: Educ, n. 10, 1981.

¹⁵ KEHL, M. R. *op. cit.*, p. 68.

¹⁶ SANTOS, M. S. dos. Memória coletiva, trauma e cultura: um debate. **Revista USP**, São Paulo, n. 98, pp. 51-68, jun/ago 2013.

¹⁷ POLLAK. M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989.

¹⁸ HALBWACHS, M. *op. cit.*, p. 136.

¹⁹ NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Cia. De Bolso, 2009.

²⁰ ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, p. 301.

²¹ ELIAS, N. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001, p. 136.

²² FERRO, M. **O Ressentimento na História**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2009.

²³ ELIAS, N. **Os alemães**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

²⁴ DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro. Editora Rio, 1976.

²⁵ BERGSON, H. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

²⁶ ASSMANN, A. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas- SP: Editora Unicamp, 2011, pp. 238-239.

²⁷ TAMANINI, P. A. As reminiscências da diáspora ucraniana na cidade de Papanduva (SC): um passado relembrado. **Revista Confluências Culturais**, v. 05, pp. 57-68, 2016

-
- ²⁸ EVDOKMOV, P. **Teologia da Beleza: a arte do ícone**. Milão: Mondadori, 1990, p. 17.
- ²⁹ TAMANINI, P. A. **A prece ucraniana na prensa da cidade**. As renegociações das práticas religiosas ucranianas nos espaços da cidade de Curitiba a partir de 1960. Curitiba: CRV, 2017.
- ³⁰ DELEMEAU, J. **A História do medo no ocidente 1300-1800**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, pp. 30-33.
- ³¹ GAY, P. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: coração desvelado**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- ³² DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.
- ³³ KARNAL, L; FREITAS NETO, José Alves de (orgs). **A Escrita da Memória**. Interpretações e análises documentais. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.
- ³⁴ KARNAL, L. **Pecar e perdoar: Deus e o homem na história**. São Paulo: Harper Collins BR, 2014.
- ³⁵ PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- ³⁶ ERTZOGUE, M. H.; PARENTE, T. G. (Orgs.) **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.
- ³⁷ TAMANINI, P. A. Se percevoir, s'imaginer et se sentir ukrainien dans le Sud du Brésil: rites et pratiques culturelles en renégociation. **Revista Diálogos**, Maringá PR, v. 20 n. 1 (2016), 136-146.
- ³⁸ SNYDER, T. **Terras de sangue: a Europa entre Hitler e Stalin**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
- ³⁹ RIBEIRO L. de M.; PROKOPYSHYN, A. Declarações. In: CIESZYŃSKA, B.; FRANCO, J. Eduardo. Holodomor. **A desconhecida tragédia ucraniana (1931-1933)**. Coimbra: Grácio Editor, 2013, p. 202-205.
- ⁴⁰ TAMANINI, P. A. Receitas da culinária ucraniana: entre o cozer e o aprender sobre um passado. **Revista Percursos**, Florianópolis, v. 12, n. 02, p. 198 a 211, jul/dez. 2011.
- ⁴¹ ANDREAZZA, M. L. Uma herança camponesa: moradia e transmissão patrimonial entre imigrantes ucranianos (Brasil, 1895-1995). **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [En línea], Colóquios, 2008.